

A variação lexical nos campos semânticos *corpo humano* e *ciclos da vida*: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Marcela Moura Torres Paim¹

1. Introdução

É no léxico que se encontra uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil. Assim, o léxico pode apresentar um papel importante em termos de variação e mudança de uma língua.

Este artigo, inserido na esfera dos estudos lexicais realizados com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), tem como objetivo investigar como a linguagem de indivíduos apresenta marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária a partir da utilização do léxico como fator diageracional dos indivíduos no grupo etário do qual fazem parte. Assim, serão analisados os itens do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB referentes aos campos semânticos corpo humano (conjuntivite/dor d'olhos) e ciclos da vida (menstruação e entrar na menopausa), a partir do repertório linguístico de informantes da faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos), com o intuito de verificar a seleção lexical realizada por distintas faixas etárias das diferentes capitais do país.

Este trabalho se justifica pelo fato de o léxico possibilitar a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além de permitir o registro e a documentação da diversidade

¹ Professora e Pesquisadora da UFBA

lexical e geolinguística do português falado no Brasil. Realizar este trabalho também vem a contribuir para o objetivo mais amplo do Projeto ALiB: “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística” (Cardoso, 2010, p. 169).

2. O léxico: espaço de interação entre o indivíduo e a sociedade

Conforme assinala Marcuschi (2003), a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que está situado em contextos concretos tais como o texto e o discurso. Esse caráter dinâmico encontra um campo para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver a construção, projeção e manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo, no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas.

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato, as variantes normativas são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes lidam com os mesmos fatos linguísticos.

A primeira questão que se coloca ao estudar as variedades linguísticas é a de fixar o próprio conceito de variedade. Para Hudson (1981), uma variedade linguística é uma manifestação de um fenômeno chamado linguagem que se define como um conjunto de elementos linguísticos de similar distribuição social. Dentro desta definição, ficam incluídas as línguas de um falante ou de uma comunidade de fala, os dialetos e qualquer outra manifestação linguística na qual se possa observar um determinado uso ou valor social. Segundo o referido autor, as variedades linguísticas, assim definidas, revelam problemas consideráveis na hora de distinguir variedades da mesma classe (uma língua de outra, um dialeto de outro) e para a delimitação de diferentes tipos de variedades (língua de dialeto).

Diferentemente de Hudson (1981), Ferguson (1971) propôs uma definição de variedade com um caráter mais concreto. Para este, uma variedade é um conjunto de padrões linguísticos suficientemente homogêneo para ser analisado mediante técnicas linguísticas de descrição sincrônica; tal conjunto estaria formado por um repertório de elementos

e poderia operar em todos os contextos de comunicação. Assim, segundo essa definição, seriam variedades as línguas, os dialetos, mas talvez não o seriam os estilos, que poderiam interpretar-se, em todo caso, como manifestação de uma determinada variedade.

Sobre o conceito de variedade, Moreno Fernández (1998) comenta que muitos estudiosos trabalham com definições amplas e outros com definições mais restritas, mas que ele prefere visualizar as variedades como conjunto de elementos ou de padrões linguísticos associados a fatores externos, sejam contextos situacionais, profissionais, sociais ou geográficos.

Nesse sentido, Moreno Fernández (1998) explicita que, ao identificar um fenômeno de variação, as perguntas que surgem de modo imediato, em qualquer nível linguístico, são relacionadas ao porquê e à sua origem. Para responder a tais questões, estudiosos da língua requerem auxílio de disciplinas como a Dialectologia ou a Sociolinguística porque é habitual que haja fatores extralinguísticos implicados na variação: fatores como a geografia (variação geográfica), a história (variação histórica) ou a situação comunicativa, em seu sentido mais amplo (variação estilística). Todos esses fatores podem ser responsáveis ou explicar muitos casos de variação linguística.

Diante desse quadro, é possível chegar à seguinte pergunta: o que é que se busca ao estudar a variação lexical? Sobre essa questão, Moreno Fernández (1998) expõe o fato de que a variação lexical objetiva explicar o uso alternante de certas formas léxicas em umas condições linguísticas e extralinguísticas determinadas, podendo-se buscar identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais como, por exemplo, o léxico de faixa etária, de profissão etc.

Como mostra o referido autor, as dificuldades nas análises de variação lexical existem e isso é possível visualizar no momento de descobrir quais variáveis sociais ou estilísticas explicam o uso de certas variáveis lexicais, além da dificuldade de coletar dados válidos e suficientes do discurso falado e, por outro, de demonstrar que certas variantes léxicas são realmente formas alternantes de uma mesma variável.

Para descobrir que tipo de léxico caracteriza os grupos sociais que formam uma comunidade, existem vários itinerários metodológicos. Um deles é o estudo de corte etnográfico, mediante a convivência continuada dentro de um grupo social ou a observação direta dos discursos. Este procedimento tem um enorme interesse, especialmente se a intenção é fazer uma análise qualitativa, isto é, determinar quais são os itens lexicais que aparecem de forma característica em cada grupo social.

Outra possibilidade metodológica, para o estudo da variação do léxico, é a entrevista, que pode servir para o pesquisador induzir ou provocar amostras da variação lexical em estudo. Esta forma de coleta de dados revela-se a mais satisfatória para os estudos quantitativos por proporcionar o surgimento de certas unidades léxicas em uma quantidade determinada.

Assim, considerando a linguagem enquanto um fenômeno heterôgeneo e uma atividade social, histórica e cognitiva, admite-se, como Marcuschi (2004), que ela seja passível de análise e observação. Dessa forma, entender é sempre buscar compreender no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação.

Sobre essa questão, Biderman (1984) esclarece que o léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, se comunica, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização mas também em outras civilizações. Por isso, as categorizações e suas denominações linguísticas com algum item lexical podem ser diversificadas, devendo, portanto, ser analisadas em seus contextos etnográficos, seus cenários, seus personagens e assim por diante.

Segundo Fiorin (2000), o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, o que permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, a partir do momento em que mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. Nessa perspectiva, ambos, emissor e receptor, são ativos a ponto de “ter de se admitir que a ‘chave’ (o código) que permite realizar as operações de codificação e decodificação, isto é, pôr em correspondência significantes e significados, é em parte construída no curso do desdobramento da interação” (Kerbrat-Orecchioni, 1995). Não se nega, evidentemente, que as relações comunicativas venham presididas por regras relativamente estáveis, mas estas são constantemente reelaboradas, pois a produção de textos é um processo criativo, na medida em que são criadas novas entidades que anteriormente não existiam.

Sobre esse aspecto, Coulon (1995) comenta que as palavras se mantêm, do ponto de vista semântico, abertas e com limites indefinidos; afinal, a cada novo contexto, os falantes se deparam com o desafio de redefinir o sentido de uma determinada palavra em uso. Na construção do texto falado, por exemplo, os falantes estão constante e conscientemente empenhados na mútua compreensão e nos objetivos da comunicação. É justamente esse esforço que instala procedimentos que explicitam o trabalho da seleção lexical na enunciação.

Assim, com o objetivo de produzir os sentidos desejados, vai o enunciador explicitando – em função do conhecimento que ele tem do interlocutor e das reações e intervenções linguísticas e paralinguísticas deste – o processo de escolha lexical, na tentativa de construir com ele uma proposta de compreensão.

Em síntese, diante do exposto, a seleção lexical não é uma tarefa unilateral do falante na procura da melhor formulação para transmitir a sua informação ao ouvinte. Ela consiste, portanto, no trabalho do falante, determinado pelo ouvinte, em construir o sentido dos enunciados. E os sentidos são construídos em função de um fazer interpretativo do ouvinte. Também, do lado desse, não se verifica uma atuação isolada por meio da qual lhe caberia inferir de maneira isolada um conteúdo remetido pelo falante. Assim, o processo da seleção lexical, particularmente na construção do texto falado, se explica e se estende neste fazer convergente de produzir sentidos e construir a compreensão.

Mondada (1997) observa que a referência é parcialmente fixada pelo próprio contexto já que, para conhecer a significação de uma palavra, é preciso saber utilizá-la num discurso. Dessa forma, o conhecimento da língua é um conhecimento que deve ser público, no sentido de que deve circular socialmente, mas os fatos em si são outra questão. Acerca desse aspecto, a referida autora afirma que a significação é interacional, pois o entorno em si mesmo exerce um papel na determinação do que designam as palavras de um locutor ou de uma comunidade.

A sugestão da autora permite dizer que a cultura, os artefatos, os instrumentos produzidos por uma comunidade formam um todo que se expressa no discurso e tem no sistema simbólico uma contraparte importante. Sendo assim, o conhecimento lexical se dá não na forma de uma lista de itens e sim na forma de uma rede de relações. E no interior dessa rede não há isolamento e sim distribuição do conhecimento, pois o léxico é um todo em que os elementos se integram com a cultura e as ações ali praticadas. Essa distribuição do conhecimento é essencial e fundamental, pois sem isso, não haveria entendimento intersubjetivo. Portanto, pode-se defender que o léxico em funcionamento na língua é uma questão de conhecimento distribuído.

Como produtores ou intérpretes de discursos, os falantes são sempre confrontados com o que Williams (1976, p. 19) chama de “‘grupos’ de palavras e significados, ao contrário de palavras e significados isolados”. Afinal, a relação das palavras com os significados é de muitos para um e não de um para muitos, em ambas as direções. Isso significa que, como produtores de discurso, os falantes encontram-se diante de opções sobre como utilizar

uma palavra e como expressar um significado através das palavras, e como intérpretes sempre se deparam com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas).

Falar de uma multiplicidade de meios de expressar um significado, no entanto, conduz ao entendimento equivocado de que os significados são atribuídos antes de serem postos em palavras de várias maneiras, e de que eles são estáveis em várias palavras. Seria mais produtivo dizer que há sempre formas alternativas de significar – de atribuir sentido a – domínios particulares de experiência, o que implica ‘interpretar’ de uma forma particular, de uma perspectiva teórica, cultural ou ideológica particular. Perspectivas diferentes sobre os domínios da experiência implicam formas diferentes de expressar essas experiências.

Dessa forma, é possível observar que a Geolinguística Pluridimensional vê na utilização do léxico um instrumento que lhe permite estabelecer estratificações diatópicas de acordo com os fatores sociais enfocados. Em especial, como enfatiza essa pesquisa, a variação diageracional, revelando a seleção lexical dos informantes de acordo com a faixa etária a que pertencem.

3. O que revelam os dados do Projeto ALiB

Antes de apresentarmos os dados, faz-se necessário abordar os procedimentos metodológicos que direcionaram a pesquisa.

O cenário da pesquisa é um recorte da rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil desde o começo do século XX e ganha uma atenção especial nesse final/comoço de milênio, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

A manifestação em favor da elaboração de um atlas linguístico brasileiro remonta a 1952, quando se estabeleceu, através do Decreto 30.643, de 20 de março, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a elaboração do atlas linguístico do Brasil. As dificuldades de variada ordem levaram os dialetólogos brasileiros a iniciarem o trabalho de mapeamento linguístico do Brasil pela realização de atlas regionais.

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em

novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (Atlas Linguistique Roman), Prof. Michel Contini (Grenoble). Naquela ocasião foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento. Atualmente, o Comitê Nacional é constituído por uma Diretora Presidente, Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), uma Diretora Executiva, Jacyra Andrade Mota (UFBA), sete Diretores Científicos, Abdelhak Razky (UFPA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Felício Wessling Margotti (UFSC) e Cléo Vilson Altenhofen (UFRS).

O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, o projeto objetiva mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, pelos dois gêneros e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário —, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Ao atingir, até o momento, a recolha de dados em 83,6% da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre áreas dialetais brasileiras. Nesse sentido, apresentam-se neste trabalho, de forma ilustrativa, resultados que mostram a diversidade de usos vinculada a áreas específicas, mas também relacionada a fatores sociais.

Assim, nesta pesquisa, serão considerados fatos relacionados à diversidade diatópica e à diferenciação diageracional, não se incluindo, para este momento, a diferenciação diagenérica ou diastrática, embora, no levantamento e análise dos dados, essas variáveis sociais tenham sido controladas sistematicamente.

Os resultados que se apresentam fundamentam-se em levantamentos no *corpus* do Projeto ALiB, especificamente nas capitais de Estados.

Para as ilustrações da variação lexical nas capitais do Brasil, a carta linguística a seguir mostra os resultados obtidos.

Figura 1: Designações para *conjuntivite*/*dor d'olhos*



A Figura 1 mostra um total de 10 designações referentes à questão 95 do questionário semântico-lexical (QSL), a saber: *conjuntivite*, *dor d'olho*, *sapatão*, *gripe nas vistas*, *bonitinho*, *constipação*, *gripe na cabeça*, *inflamação*, *doença ocular* e *olho inflamado*. Essas variantes possuem estruturas diferenciadas, algumas são lexias simples, como *conjuntivite*, *sapatão* ou *bonitinho*, e outras são compostas como *gripe na cabeça* ou *olho inflamado*. Dessas variantes lexicais, apenas *conjuntivite* é comum às capitais pesquisadas. As demais formas, assim como a ausência de resposta, encontram-se distribuídas entre as capitais. Como pode ser visualizado, *sapatão* está em duas áreas muito próximas, São Luís e Teresina, e a variante lexical *dor d'olho* está no Nordeste quase todo, em duas capitais do Centro Oeste e mais em Vitória, Curitiba e Florianópolis.

Do ponto de vista diageracional, a variante lexical *dor d'olho* é sinalizada no discurso dos informantes como uma variante típica de informantes mais velhos, já *conjuntivite* é apontada nos exemplos como a maneira mais atual de falar, como demonstram os exemplos.

Exemplo 1:

(095)

INQ.- Como se chama aquela inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho, amanheça grudado?

INF.- *Conjuntivite*.

INQ.- Mas o nome popular?

INF.- Mas, antigo também, as pessoas chamam *dor d'olhos*.

INQ.- Esse é o mais comum, não é?

INF.- Não, *conjuntivite* é o mais comum.

INQ.- Se eu perguntar pras pessoas mais da periferia?

INF.- Olha, talvez não... eu acho que sim, eu acho que a ideia do *dor d'olhos* é uma ideia mais de um, de um, um traço de idade do que um traço de, de nível sócio-econômico... (Inq 190-08- Vitória)

Exemplo 2:

(095)

INQ.- E aquela inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho, amanheça grudado?

INF.- Aqui é chamado de *dor d'olho*... alguns fala *conjuntivite* por aí, né? Mas o pessoal...

INQ.- ... mas aqui é...

INF.- ... mas antigamente era *dor d'olho*, agora que tá mudando, chama *conjuntivite*. *Conjuntivite*, que o povo fala, né?

INQ.- Ahã.

INF.- Mas é *dor d'olho*. (Inq 108-05-Cuiabá)

Esses exemplos evidenciam, por meio da seleção lexical diageracional, a noção de temporalidade em que o discurso foi produzido. O primeiro é o discurso de uma informante da segunda faixa etária e o segundo, da primeira faixa etária. Assim, os exemplos demonstram as designações lexicais do passado e do presente, revelando a consciência de que antigamente se falava de forma diferente.

Também encontramos uma interessante variação lexical em relação à pergunta 121 do QSL, como demonstra a Figura 2.

Figura 2: Designações para *menstruação*

A Figura 2 mostra um total de 26 designações referentes à questão 121 do questionário semântico-lexical (QSL), a saber: *bandeira*, *boi*, *boiada*, *chegou a hora*, *chico*, *chiquinho*, *ciclo menstrual*, *dia da mulher*, *dias difíceis*, *dias especiais*, *escrever com tinta vermelha*, *fase menstrual*, *menstruação*, *pacote*, *regra*, *sangramento*, *semana da mulher*, *sinal vermelho*, *tá de bode*, *tá de chico*, *tá doente*, *tá incomodada*, *tá menstruada*, *tá moranguinho*, *tá naqueles dias* e *tá no dia*. Algumas representadas por lexias simples, como *bandeira* ou *boi*, outras, lexias compostas, como *sinal vermelho*, e lexias complexas, como *tá de bode* ou *tá naqueles dias*. Dessas variantes lexicais, apenas *menstruação* é comum à maioria das capitais pesquisadas, só não aparece em Belém, onde ocorrem as formas *regra*, *tá de bode* e *tá menstruada*. As demais designações encontram-se distribuídas entre as capitais.

Em relação a essa pergunta do QSL, também encontramos a variação lexical diageracional já que as variantes lexicais *tá de chico* e *regra* são sinalizadas no discurso dos informantes como uma variante típica de informantes mais velhos; já a variante *menstruada* e *tá menstruada* são apontadas nos exemplos de algumas capitais como variante lexical dos mais jovens, como demonstram os exemplos.

Exemplo 3:

(121)

INF.- É *menstruação*, né?

INQ.- Tem um mais comum? Pode falar.

INF.- Não, ma, o nome de antigamente é muito feio.

INQ.- Fala!

INF.- *Regras*. (Inq. 138-03- Belo Horizonte)

Exemplo 4:

(121)

INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses, né. Como é que se chama isso?

INF.- Aqui pra nós é tudo *menstruação* né?

INQ.- Isso. Tem algum nome mais folclórico, mais popular... Que a gente falava quando era mais mocinha... Hoje eu tô do quê? O que que veio pra mim...?

INF.- (risos) Aí não..., antigamente a gente, quando tava *menstruada* lá muito, nos anos de guaraná de rolha, né (risos)

INQ.- Guaraná de rolha é bom!

INF.-A gente falava assim: "Ixe, eu *tô de chico*" (risos) que eu achava o máximo, né!

INQ.- É isso mesmo. No meu tempo também.

INF.- Aí que horror né. Agora cê fala *menstruação* é mais assim delicado né! (risos). (Inq. 179-04-São Paulo)

Através desses exemplos, pode ser percebido que as informantes da faixa etária mais avançada (as duas pertencem à faixa etária 2) lembram e dão expressão às suas lembranças. Os depoimentos apontam para o entendimento, por parte dos mais velhos, de que a vida mudou e junto com ela também os itens lexicais para se referir ao fato de as mulheres perderem sangue todos os meses.

A pergunta 122 do QSL se apresenta diatopicamente da seguinte forma:

Figura 3: Designações para *menopausa*



A Figura 3 mostra um total de 13 designações referentes à questão 122 do questionário semântico-lexical (QSL), a saber: *acaba a menstruação*, *amarrou o facão*, *a mulher está/ficou falhada*, *a mulher amarrou o pacote*, *climatério*, *entra/(es)tá na/fase da menopausa*, *entrou na suspensão*, *já sou homem, não pega mais filho*, *na fase de aí meu Deus do céu*, *na fase dela*, *tá idosa*, *tá meio mestrosa* e *tá menopausada*. Como pode ser visto, algumas são representadas por lexias simples, como *climatério*, compostas, como *na fase dela*, e complexas, como *na fase de aí meu Deus do céu*. Dessas variantes lexicais, apenas *entra/(es)tá na/fase da menopausa* é comum a todas as capitais pesquisadas. As demais designações encontram-se distribuídas de forma descontínua entre as capitais.

Para esta pergunta, as variantes *ficou/está falhada* e *amarrou o facão* chamam atenção pelo fato de estarem presentes no discurso de informantes de faixa etária mais avançada, como demonstram os exemplos.

Exemplo 5:
(122)

INQ.- Depois de uma certa idade acaba o boi né. Quando isso acontece, diz que a mulher?

INF.- É, a mulher *ficou na menopausa* né? Menopausa.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- Não. Iss'ái, iss'ái eu entendo de menopausa agora há poucos tempos aí que eu já, já, já conhecia já coisa, mas, antigamente dizia que ela, a mulher *ficou falhada*, o pessoal falava (risos), *falhou a mulher* (risos). Mulher *ficou falhada*.

CIR.2.- É verdade.

INF.- É, na menopausa é que não dá mais cria né, não dá pô (risos), é, falar o português claro, falando que num deu mais cria, então ele falava lá o pessoal: "Pô, a minha mulher *está falhada*, não dá mais nada." (risos) (Inq. 203-03- Florianópolis)

Exemplo 6:

(122)

INF. – (inint) chama *amarrou o facão*... ((risos))

INQ. – (inint) E esse *amarrou o facão*... sabe por que é que chama *amarrou o facão*?

INF. – O *facão*? Porque, eh, suspendeu, num tem mais *menstruação*...

INQ. – Ah...

INF. – (inint) já *amarrou o facão* num engravida mais... (risos) (INQ. 093-04- Salvador)

Nos exemplos, os informantes fazem escolhas lexicais que se relacionam com sua época. Assim, é precisamente essa preocupação simultânea com o "dizer" e com o "que dizer" que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação, entre as quais as que sinalizam o trabalho de seleção lexical através de itens lexicais denunciadores da faixa etária do informante.

4. Considerações finais

A análise do *corpus* possibilitou realizar o levantamento e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional, em que o registro segue os parâmetros diatópicos e diastráticos. Nesse sentido, no que diz respeito às denominações que recebem *conjuntivite/dor d'olhos*, *menstruação* e *entrar na menopausa*, podem-se fazer algumas considerações preliminares:

a) as designações enfocadas apresentam uma grande variação, possibilitando a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil;

b) as variantes lexicais analisadas possuem várias estruturas, que podem ser lexias simples, como *boiada* e *paquete*, compostas, como *olho inflamado*, e complexas, como *na fase de aí meu Deus do céu*;

c) a temática da comparação passado X presente está presente na linguagem dos informantes de faixa etária mais avançada, evidenciado-se na seleção lexical desses informantes, como demonstram as estruturas: *dor d'olho*, *tá de chico*, *Regra*, *ficou/está falhada* e *amarrou o facão*.

Assim, o trabalho procurou mostrar como as lexias trazem, na fala dos informantes, as marcas do contexto em que se encontram inseridas. Dessa forma, com esta pesquisa, pretendeu-se oferecer subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. "A ciência da lexicografia". *ALFA*, São Paulo, pp. 1-26, 1984.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil. Questionários*. Londrina: UEL, 2001.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERGUSON, Charles. *Language structure and language use*. Stanford: Stanford University Press, 1971.

FIORIN, José Luiz. "Política linguística no Brasil". *Gragoatá*, nº 9, Niterói: EdUFF, pp. 221-231, 2000.

HUDSON, Richard. *La sociolingüística*. Barcelona: Anagrama, 1981.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales (I)*. Paris: Armand Colin, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "O léxico: lista, rede ou cognição social?" In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (orgs.). *Sentido e significação*. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 263-284.

MONDADA, Lorenza. "Processus de catégorisation et construction discursive des catégories". In: DUBOIS, Danièle (org.). *Catégorisation et cognition: de la perceptio au discours*. Paris: Kimé, 1997, pp. 291-313.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

VELASCO, Ideval. "O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó". In: RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: Editora Grafia, 2003, pp. 155-172.

WILLIAMS, Raymond. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. Londres: Fontana/Croom Helm, 1976.

Resumo

Neste artigo se apresenta um dos aspectos de que se ocupa o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), o Léxico do português brasileiro. Dessa forma, este trabalho investiga como a linguagem de indivíduos apresenta marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em inquéritos do Projeto ALiB a partir da utilização do léxico como fator diageracional dos indivíduos no grupo etário do qual fazem parte. A metodologia empregada consistiu na realização das seguintes etapas: 1) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; 2) escolha e formação do *corpus*, constituído de inquéritos das capitais do Projeto ALiB; 3) análise do *corpus* a fim de verificar marcas linguísticas transmissoras da construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária. As análises dos inquéritos selecionados buscam estudar os itens lexicais presentes no campo semântico corpo humano (conjuntivite/dor d'olhos) e ciclos da vida (menstruação e entrar na menopausa), com o intuito de verificar a seleção lexical realizada por informantes de diferentes faixas etárias das diferentes capitais do país. A análise do *corpus* possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística moderna Pluridimensional em que o registro segue os parâmetros diatópicos e diastráticos.

Palavras-chave: Geolinguística, Léxico, Variação.

Abstract

In this article, one of the aspects focused by the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB Project), the Lexicon of the Brazilian Portuguese, is addressed. Therefore, this paper investigates how individuals language presents specific linguistic marks that construct, maintain and project the age-group identity in the questionnaire of the ALiB Project, based on the use of the lexicon as a generational factor of individuals within their age-group. The methodology used was

based on the performance of the following stages: 1) reading of the theoretical texts related to the proposed theme; 2) choice and formation of the *corpus*, made up of inquests of the ALiB Project in different capitals; 3) analysis of the *corpus* in order to verify linguistic marks that transmit the construction, projection and maintenance of the age-group social identity. The analyses of the selected inquiries try to study the lexical items present in the semantic field of the human *corpus* (conjunctivitis/eye pain) and life cycles (menstruation and go into menopause), with the aim of verifying the lexical selection carried out by the informers from different age-groups in the different capitals of the country. The analysis of the corpus enabled the realization of the register and the documentation of lexical diversity of the Portuguese language spoken in Brazil, according to the principles of the modern Pluridimensional Geolinguistics in which the register follows specific parameters.

Key-words: Geolinguistics, Lexicon, Variation.